**Estou Pensando em Acabar com Tudo (2020)**

**A arte do tempo**

**Por Laisa Lima**

Para a psicologia, gerontofobia é o medo excessivo de envelhecer, podendo resultar em crises de ansiedade, quadro depressivo, e até ataques de pânico. No cinema, o assunto sempre rendeu boas narrativas, seja admirando seu decorrer, como em “Boyhood”, ou temendo seu resultado final, visto “Amor”. Nas mãos de Charlie Kaufman, o tempo vira objeto de estudo, questionamento, e de uma arte de qualidade.

“Estou Pensando em Acabar com Tudo” (2020), produção da Netflix dirigida e roteirizada por Charlie Kaufman, traz até nós uma história pouco convencional, pouco linear, e pouco lógica, ala ele mesmo. Como pano de fundo, temos uma viagem entre Jake (Jesse Plemons) e sua namorada (Jessie Buckley) – os dois atores genuinamente comprometidos com o longa - em direção à fazenda dos pais do rapaz, que tem o intuito de apresentar a moça para eles. Entretanto, tendo visto os outros filmes com a participação de Kaufman, sabemos que, a partir de certo ponto, a imaginação de cada um, é a condutora.

Conhecido por obras com alto teor inventivo e marcante caráter psicológico, como proposto em “Adaptação”, de 2002, até hoje discutido na rodinha de cinéfilos; Kaufman, aqui, guia um espiral sem saída: inúmeras questões e pouquíssimas respostas. Logo de cara, o filme revela, através da narração e enquanto a câmera passeia por uma casa que, intuitivamente, é sabido que seria de muita importância; os pensamentos confusos da protagonista acerca de uma possível questão principal: terminar ou não com seu namorado. No andar do longa, a confusão de opiniões da personagem sem nome definido, são reprimidas de forma a torná-las mais emboladas - o que contribui para que a mente dos espectadores não se contente apenas com o que é dito e descrito na tela - contando com o fato da própria moça se pressionar a pensar o contrário, fazendo da culpa e da dúvida, uns dos seus maiores companheiros durante toda a película. A situação pode ter o sentido de analogia ao gênero feminino, na qual as ideias e visões são sempre invalidadas, controladas e pouco ouvidas pelo sexo opressor, sendo isto mais escancarado até no jeito em que Jake interrompe sempre os pensamentos da namorada (mesmo sem saber deles), e, em certos momentos, sobressai suas vontades, às da mulher.

Jake, além de muito contido, parece ser um tanto submisso - assim como a companheira - e isso é percebido na relação com seus pais, bizarramente controlados e controladores, ao mesmo tempo. A mãe, interpretada magistralmente por Tony Colette, é cheia de trejeitos estranhos, e atitudes um tanto exageradas e teatrais, transparecendo um nítido desequilíbrio e medo das reações do filho, além do aparente desconforto perante a situação, tornando-se uma figura medonha e nada compreensível, assim como o pai,- o igualmente magistral David Thewlis - tão medonho e exagerado nas reações quanto a mãe, porém, um pouco menos alegórico, e muito mais tacanho. Capazes de tornar o ambiente tenebroso para a protagonista (e para o público), a dupla é alvo de diversas dúvidas conforme as camadas vão se desdobrando, como, por exemplo, o porquê do esquecimento de algumas palavras por parte da mãe do protagonista, que é, aliás, um grande foco de questionamento por si só, visto seu desgosto pela própria família; e, por conta do, talvez, mais inexplicável fato da trama: a repentina mudança na idade dos pais, indo de desde mais jovens, até idosos em seu leito de morte, no caso da personagem de Tony. As transformações ocorrem em curtos espaços de tempo e, novamente, a protagonista ainda sem nome, fica no papel do público que nada sabe além da estranheza e dubiedade do local, que, espacialmente, torna-se familiar pela esperada falta de compreendimento, tendo em locais como o quarto de Jake quando era criança, e o mítico porão cheio de arranhões na porta; cômodos que ajudam a reforçar impenetrabilidade total no entendimento da história.

Poucas vezes o filme traz a sensação de assimilação para o público, mas é isto que faz alguns ficarem até o final: desafiar sua própria capacidade de ser sensível. Pequenas frases, pequenos planos, pequenos sinais, são de grande valia para a imersão na obra, tendo a atenta observação como algo necessário para interpretar bem os diálogos – muito bem construídos, por sinal – sobre assuntos normais, como arte e física, que permeiam todo o longa. A noção de tempo também é trabalhada de forma a se pensar de modo devagar, paciente, arrastado, sem exatidão, o que é sentido também pela personagem em alguns momentos, como no balançar dos pelos de um cão. Portanto, a viagem de carro parece durar uma eternidade, assim como o almoço de família, propositalmente feito para a criação de um ambiente pouco coeso e incômodo, afim de instigar o pensamento próprio dos espectadores acerca da narrativa, fazendo com que eles adentrem a história, mas cada um da sua forma. A todo momento é citada a visão da namorada de Jake sobre o tempo, expondo, mais uma vez, sua mente e seus medos, de envelhecer, da solidão, da expressão externa, da aprovação dos pais, e de si mesma, fazendo dela a mais atingível dos personagens, já que seu entendimento sobre os eventos são, em partes, compartilhados com o público. As metáforas e citações de químicos e filósofos presentes no roteiro e feitas por Jake e a protagonista, são peças chave para a compreensão das nuances e dos significados, mas é raro entendê-los de primeira.

Em certo momento, Jake diz que imagens bonitas podem enganar os olhos do espectador e, neste filme, a poesia visual e o cuidado são certos, dando créditos ao diretor de fotografia Łukasz Żal e ao diretor Charlie Kaufman, que trazem um pouco do filme de Kaufman (que participou como roteirista) mais famoso, “Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças” (2004) em questão do ambiente de devaneio e sensibilidade da trama, características trabalhadas com mais complexidade na obra de 2020; mas criando uma peculiar estética ao mudar tons frios de azul para marrom, em um mesmo ambiente, por exemplo, tornando a forte nevasca que paira todo o longa, em um clima de fervura sempre presente na casa dos pais de Jake; ao fazer a câmera passear em lentos travellings de cima para baixo, rente ao chão ou em direção à luz; em isolar certos elementos que precisavam de enfoque, como o carro coberto de neve e a escola; nos contraplanos de vários ângulos; ao criar, através do sentimento do inesperado, a tensão necessária para o interesse do público; e ao trazer uma certa condição de pintura para a tela. A doce trilha sonora, com forte presença de cordas, reforça o ar de sonho, e o diretor ainda conduz o filme sempre se baseando, minuciosamente, nos diálogos – o que pode parecer maçante para alguns - e, por vezes, antecipando a câmera à ação dos próprios personagens, como se nem eles conseguissem prever o que estaria por vir.

A questão principal de “Estou Pensando em Acabar com Tudo” pertence à resposta do espectador ao filme, e a emoção que ele provoca. A mudança nas personalidades da protagonista, assim como seu nome incerto; as cenas sem sentido (no início) de um idoso zelador mesclada à trama principal; o fato dos pais de Jake envelheceram e rejuvenescerem do nada; a falta de linearidade em toda a história; os acontecimentos pouco coerentes, e os múltiplos outros elementos impossíveis de organizar em poucas linhas, trazem ao longa um teor de estudo do ser humano e sua psique, podendo, dependendo da observação de cada um, ter um sentido vasto em relação aos questionamentos da obra, que traz consigo amplas opções de pensamento, o que não é fácil de se encontrar hoje em dia, visto as histórias que se resolvem sem fazer pensar. Entretanto, é fato que a película dá foco, através da paciência e imprevisibilidade, para a existência individual e sua complexidade e emaranhados, onde pouco faz-se simples, compreensível, e possuidor de apenas uma verdade. Somando isto à belas e produzidas imagens, e ótimos intérpretes, a conclusão é: Não é preciso universalidade quando se trata de um bom filme.

Avaliação: 4 de 5